

MP investiga 15 mortes em Sobradinho

No Hospital Regional de Sobradinho (HRS), o problema principal é o número considerável de pacientes que morreram em tratamento de hemodiálise. Dois deles pararam de respirar enquanto faziam sessão. Um ano atrás, havia 21 pacientes dividindo cinco máquinas. Hoje, há seis doentes renais para três aparelhos. Quinze morreram ao longo de um ano. O primeiro órgão a levantar a suspeita de que esses pacientes perderam a vida por causa do péssimo tratamento foi a Vigilância Sanitária do DF. Numa vistoria feita no dia 27 de maio de 2002, o chefe de inspeção sanitária Hércules Gomes Ribeiro descreveu em um relatório a relação de dez mortos. O Ministério Público investiga um número maior: 15 mortes.

O mês em que mais houve registros de óbitos em tratamento de hemodiálise no HRS foi março deste ano, quando faleceram quatro pacientes. Uma dessas vítimas foi Marleide dos Santos. Ela fazia tratamento há oito anos no HRS e passou mal numa das máquinas no dia 23 de março. Morreu no pronto-socorro do hospital no mesmo dia.

O maior problema atestado pelos técnicos da Vigilância Sanitária no HRS foi o sucateamento das máquinas e a falta de suprimento de peças. Faltam também capilares para filtros (componente essencial da máquina). Para piorar a situação, no dia que os técnicos visitaram o HRS, não havia médico nefrologista na unidade de hemodiálise.

O mais grave: o tratamento de hemodiálise do HRS não conta com indicadores de tratamento da água, o que coloca em risco a vida dos pacientes. "Nós temos uma preocupação muito grande, porque pode ocorrer em Brasília o mesmo que ocorreu em Caruaru", alerta o promotor Vândir da Silva Ferreira. *(Leia memória ao lado)*

No dia que o **Correio** visitou a unidade de diálise do HRS, a paciente Geraldina Fonseca Melo, 68 anos, passava mal. A médica nefrologista Rosana Chicon, responsável técnica pelo setor, garantiu que o problema da paciente nada tinha a ver com a precariedade das máquinas. Geraldina deveria fazer sessão durante quatro horas, mas teve de parar depois de uma hora e meia que foi submetida à máquina. "Não agüento mais as dores", reclamava.

Geraldina passava mal porque sentia calor e havia um hematoma grande no local onde a enfer-

meira enfiou uma das duas agulhas para saída do sangue. Como o canal aberto para escoamento é muito grande, foi difícil conter a hemorragia. A paciente saiu suja de sangue e gemendo de dores. "É muito sofrido", queixou-se. O piso da unidade ficou com gotas vermelhas por mais de três horas. Até o esparadrapo que a enfermeira trocou no braço de Geraldina foi jogado no chão, apesar de haver uma lixeira próxima.

A paciente faz hemodiálise há um ano e meio, mora em Planaltina de Goiás e, sem recursos, depende de transportes do hospital para chegar até a unidade. Embora o tratamento que recebe no HRS seja precário, Geraldina gosta do local. "Não tenho nenhuma reclamação. Quero apenas continuar viva", reitera. "Os pacientes dizem que gostam porque dependem daquele local para sobreviver e não há outra alternativa. É aquilo ou nada", diz o médico Francisco Rosélio Carvalho, perito e assessor do MP.

MÁQUINAS NOVAS

O médico e diretor do HRS, Eloadir Galvão, disse que a água usada no tratamento de diálise no hospital passou a receber o tratamento devido desde que a Vigilância Sanitária fez a inspeção no local. Ele concorda com o relatório dos técnicos e diz que está orçado para o próximo mês R\$ 200 mil para reformar a unidade de hemodiálise do HRS. "Nós também vamos receber máquinas novas do Ministério da Saúde. Mas, para isso, é preciso reformar o local, que funciona improvisado num ambulatório", ressalta.

Para as mortes que o Ministério Público investiga, Galvão afirma que os pacientes que se submetem a hemodiálise já estão com a saúde debilitada. "Desconheço que algum paciente tenha morrido por falta de assistência ou por conta do equipamento", sustenta.

O Ministério da Saúde confirma que enviará dez máquinas modernas de hemodiálise para HRS e a mesma quantidade para o HRT. Mas a entrega só será feita depois que esses dois hospitais estiverem estrutura física para comportá-las. Enquanto isso, os pacientes continuam dependendo do que tem disponível: máquinas velhas que já deveriam estar aposentadas. As que funcionam em Sobradinho, por exemplo, foram descartadas pelo Hospital de Base há dez anos justamente por oferecerem risco aos pacientes.

abre por fora, o depósito que armazena medicamentos e concentrados é improvisado com estrados de madeira. O banheiro masculino virou um depósito de macas e a unidade tem higiene precária.

O responsável técnico pela unidade de hemodiálise do HUB, Joel Russomano, disse que já foram providenciadas várias mudanças no setor desde que a Vigilância Sanitária visitou o local. Mas ele ressalta que as máquinas antigas ainda são usadas porque o Ministério da Saúde ainda não entregou as máquinas mais mo-

dernas. Das sete máquinas existentes no HUB, cinco são novas e duas são velhas demais.

De acordo com o Projeto Hemodiálise, do Ministério da Saúde, serão distribuídas, até o fim do ano, 43 máquinas modernas. Todas importadas do Japão. Treze estão previstas para o HUB, dez para o HRS e outras dez para o HRT. No entanto, só receberão as máquinas os hospitais que seguirem à risca determinações de estrutura e higiene do ministério. Se a entrega fosse feita hoje, nenhum desses hospitais estaria apto a receber os aparelhos.